

---

## Feminicídio e Mídia: O Assassino Nunca é o Único que Mata<sup>1</sup>

Alane Teixeira Reis<sup>2</sup>

Naiara Leite Costa<sup>3</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

### RESUMO

Este trabalho pretende analisar a abordagem feita pelo Portal Correio24horas sobre os crimes de feminicídio, em Salvador, a partir da sistematização de casos publicados de março a novembro de 2017. A análise tem por objetivo desvendar as contribuições do veículo para denunciar ou invisibilizar o quadro geral de violência contra as mulheres na Bahia e no Brasil, bem como as intersecções de raça e classe neste fenômeno, que faz das mulheres negras e pobres as principais vítimas de violência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminicídio, Mulheres Negras, Jornalismo Online, Interseccionalidade, Imaginário.

### Introdução

A interseccionalidade é um conceito que tem sido bastante utilizado pelas feministas negras para compreender o fenômeno da articulação entre raça, gênero, sexualidade, classe e regionalidade na vida das mulheres negras. Para Crenshaw (2002), a interseccionalidade é um sistema de múltiplas de discriminações, promovendo dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação.

A intersecção de gênero, raça e classe, de forma articulada, tem sido fatal para exposição à opressão e ao assassinato de mulheres no Brasil. Segundo Waiselfisz (2015), o assassinato de mulheres negras aumentou 54% nos últimos dez anos, de 1.864

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado do DT1-Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Comunicação da UFRB, e-mail: [alane.t.reis@gmail.com](mailto:alane.t.reis@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Comunicação da UFRB, e-mail: [naiara.leite@institutoodara.org](mailto:naiara.leite@institutoodara.org)

---

(2003) para 2.875 (2013). Neste mesmo período, o número de homicídios que vitimou mulheres brancas reduziu 10%, de 1.747 para 1.576.

Na Bahia, os dados mostram que os homicídios de mulheres negras cresceram 260% em números absolutos: 100, em 2003, e 360, em 2013. O aumento também ocorreu nas taxas (por 100 mil habitantes) de 1,9 para 5,9 – acréscimo de 212,8%. Os veículos de mídia do estado abordam os casos de violência como de interesse público. O fenômeno nos faz refletir se a violência contra a mulher é profundamente abordada pelos meios de comunicação brasileiros. A cobertura da mídia em crimes que vitimizam mulheres combate ou perpetua a violência contra a mulher?

Neste sentido, este trabalho traz como recorte empírico a abordagem de crimes de feminicídio no Portal Correio24horas - um dos principais veículos da mídia online baiana, a partir das matérias publicadas no período de março a novembro de 2017. No processo de análise foram encontrados 11 casos de feminicídio em Salvador, noticiados pelo portal. As seguintes categorias foram observadas nas matérias: raça/cor; bairro; caracterização do crime de feminicídio na matéria<sup>4</sup>; e acompanhamento dos casos.

Portanto, este artigo pretende refletir como esses textos midiáticos ajudam a construir interpretações acerca da violência de gênero e que consequências essas interpretações podem causar, por exemplo, na afirmação do machismo ou da ideologia racismo patriarcal<sup>5</sup> em nossa sociedade.

### **Raça e Gênero: uma Perspectiva Descolonial**

Lélia Gonzalez (1988) para explicar as desigualdades raciais, de gênero e de classe social no continente americano, se refere às mulheres não brancas (amefricanas, ou negras, e ameríndias, ou indígenas) como vítimas de múltiplas discriminações, em função do sistema que a autora chama de capitalismo patriarcal racista.

---

<sup>4</sup> Esta categoria de análise foi escolhida porque nas matérias foi possível perceber que o crime de feminicídio poucas vezes foi caracterizado dessa forma pelos jornalistas. Assassinatos de mulheres; Crimes passionais; Crimes motivados por ciúmes; são outras expressões usadas para trazer eufemismos ou romantizar os crimes de feminicídio.

<sup>5</sup> A formulação do conceito racismo patriarcal busca traduzir a vivência e a experiência histórica da exclusão centrada no sexismo e no racismo vigentes desde o sistema colonial escravista. O conceito busca qualificar e ampliar conhecimento sobre a singularidade de ser mulher, ser negra, ser trabalhadora e pobre no Brasil, isto é, de vivenciar no cotidiano vários eixos de subordinação, que vulnerabilizam sua existência, cujos resultados são as desvantagens com impacto estrutural para as mulheres negras, na vida e no mundo do trabalho. Acessado em 23/05/2018: [http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4198:racismo-patriarcal-muito-alem-do-conceito&catid=401:numero-175-novembro-a-dezembro-de-2013-encarte&Itemid=129](http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4198:racismo-patriarcal-muito-alem-do-conceito&catid=401:numero-175-novembro-a-dezembro-de-2013-encarte&Itemid=129)

---

O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas. (GONZALEZ, 1988, p. 135)

A violência contra as mulheres no Brasil é um problema complexo, legitimado pela naturalização cultural das desigualdades de gênero, mas não só. Outros marcadores fazem com que mulheres de determinados grupos raciais, étnicos, regionais e econômicos estejam mais sujeitas a violência de gênero. A filósofa Maria Lugones, no artigo “Colonialidad y Género” propõe uma leitura descolonial sobre feminismo, gênero, raça e sexualidade para explicar como as diferentes mulheres vivenciam as relações de gênero de diferentes formas.

Kimberlé Crenshaw y otras mujeres de color feministas hemos argumentado que las categorías han sido entendidas como homogéneas y que seleccionan al dominante, en el grupo, como su norma; por lo tanto, «mujer» selecciona como norma a las hembras burguesas blancas heterosexuales, «hombre» selecciona a machos burgueses blancos heterosexuales, «negro» selecciona a machos heterosexuales negros y, así, sucesivamente. Entonces, se vuelve lógicamente claro que la lógica de separación categorial distorsiona los seres y fenómenos sociales que existen en la intersección, como la violencia contra las mujeres de color.. (LUGONES, 2008, p 82)

As políticas brasileiras que tem por objetivo combater a violência de gênero é a Lei 11.340 (Lei Maria da Penha), em vigor desde 2006, e a Lei nº 13.104, lei do Femicídio, em vigor desde 2015. Esta última lei foi alterada no código penal para prever o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e o inclui no rol dos crimes hediondos. Na prática, os casos de violência doméstica e familiar ou discriminação contra pela condição de mulher passam a ser vistos como qualificadores do crime de assassinato contra mulheres. Boa parte dos crimes praticados por feminicidas apresentam características específicas: atingem regiões específicas do corpo feminino como seios e vulvas, rosto, cabelo e boca.

A origem da palavra feminicídio está na obra de Diana Russel que usou pela primeira vez o termo femicide durante o Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, em março de 1976, na Bélgica e foi difundido em 1992 com o texto “Femicide” de Caputi e Russel (GOMES, 2010).

Assim, em meio a numerosas críticas ao conceito de patriarcado, se argumenta que é uma chave analítica para compreender a situação de violência e de

---

violações a que estão subordinadas as mulheres em todo o mundo, na medida em que o sistema patriarcal permite uma série de vulnerabilidades por meio das desigualdades, que se manifestam na divisão sexual do trabalho, no mercado de trabalho e na família, onde geralmente, as mulheres são prejudicadas. Os feminicídios são, nesta perspectiva, a expressão letal de um continuum de violência contra as mulheres. (RUSSELL, 2006 a apud GOMES 2012, p. 40/41).

De acordo com o Mapa da Violência 2015, é possível perceber que a Lei Maria da Penha foi eficaz para a redução dos assassinatos de mulheres brancas em 10% - no período de 10 anos, ou seja, a lei que marca um avanço significativo nos direitos das mulheres brasileiras está sendo operada de modo que só assegura direito ao sujeito mulher hegemônico, as mulheres brancas. Em contrapartida, o aumento de 54% de morte de mulheres negras, no mesmo período, demonstra a ineficiência da política quando não é pensada dentro das intersecções de raça, classe e região.

Em concordância com os conceitos de Capitalismo Patriarcal Racista (Gonzalez, 1988) e de Interseccionalidade (Crenshaw, 2002), Maria Lugones propõe o conceito “Sistema de gênero moderno colonial” para pensar que as identidades e vivências de gênero não podem ser observadas de maneira isolada, pela perspectiva eurocêntrica. Elas precisam ser racializadas, sobrepostas, descolonizadas e contextualizadas.

Caracterizar este sistema de género colonial/moderno, tanto en trazos generales, como en su concreitud detallada y vivida, nos permitirá ver la imposición colonial, lo profundo de esa imposición. Nos permitirá la extensión y profundidad histórica de su alcance destructivo. Intento hacer visible lo instrumental del sistema de género colonial/moderno en nuestro sometimiento - tanto de los hombres como de las mujeres de color- en todos los ámbitos de la existencia. (LUGONES, 2008, p. 77).

Na mesma perspectiva, a feminista negra Jurema Werneck diz que a sociedade brasileira é fincada no sistema patriarcal que divide as pessoas: primeiro pela cor da pele e depois pelo gênero. “Seremos sempre mulheres negras e vamos estar na base da pirâmide das desigualdades sociais no Brasil, o que acaba resultando nessas altas taxas de assassinato. Estamos mais vulneráveis porque o racismo patriarcal nos torna alvos” (WERNECK, 2017, p 61).

Lugones, a partir da referência à pesquisadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, explica como a ideologia de gênero concebida na Europa entra nas sociedades

yourubanas a partir da colonização, da cumplicidade do homem branco colonizador com os homens yorubanos colonizados.

Como el capitalismo eurocentrado global se constituyó a través de la colonización, esto introdujo diferencias de género donde, anteriormente, no existía ninguna. Oyéronké Oyewùmi (1997) nos ha enseñado que el sistema opresivo de género que fue impuesto en la sociedad Yoruba llegó a transformar mucho más que la organización de la reproducción. Su argumento nos muestra que el alcance del sistema de género impuesto a través del colonialismo abarca la subordinación de las hembras en todos los aspectos de la vida. (LUGONES, 2008, p. 86).

O alinhamento entre os pensamentos de Lugones e Oyëwùmí serve para refletirmos o fenômeno das mortes de mulheres negras no Brasil e a relação com seus algozes, olhando pela perspectiva interseccional e descolonial.

Segundo o Mapa da Violência (2015), em 2013, 2875 mulheres negras foram assassinadas – em nível de comparação, naquele mesmo ano morreram vitimadas 1576 mulheres brancas. Ainda segundo o Mapa, a maioria dos os algozes são homens da família (50,3%) e parceiros ou ex-parceiros afetivo-sexual (33,2%). Lugones defende como a colonização europeia foi eficaz em convencer os homens não brancos em internalizar e reproduzir a lógica da violência patriarcal com as mulheres de suas comunidades, mesmo sem se beneficiar do patriarcado branco capitalista.

Pons Cardoso (2014) fala que a construção de gênero do homem negro ocorre reconfigurada por raça, ou seja, o racismo não proporciona aos homens negros viver os privilégios de ser homem na perspectiva ocidental. A pesquisadora reforça as análises citadas anteriormente de que a constituição da categoria homem é compreendida pela lógica colonial como: homem, branco, heterossexual.

Basta ver os dados referentes ao mercado de trabalho, que mostram, em muitas situações, o homem negro em posição de desvantagem econômica em relação à mulher branca. Assim, a reafirmação e o exercício de sua masculinidade, na perspectiva da sociedade ocidental branca, em última instância, ocorrerão pela opressão da mulher negra. (PONS CARDOSO, 2014, p. 980 – 981).

A partir dos conceitos de Capitalismo Patriarcal Racista (GONZALEZ, 1988), Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), e Sistema de Gênero Moderno Colonial (LUGONES, 2008), e dos dados do Mapa da Violência 2015, referente a situação do

---

feminicídio das mulheres negras, é possível perceber que vivemos um tempo de masculinidades adoecidas: o agressor tem uma vida precarizada, nutre um sentimento de posse dos corpos femininos e usa a violência para construir-se como potente.

Neste sentido, é importante perceber que o feminicídio exige na sua abordagem, do ponto de vista jurídico, acadêmico, e principalmente midiático, um tratamento que leve em consideração sua complexidade e contextos sociais inter cruzados. A emergência em torno destas reflexões se justifica na tentativa de honrar a memória das tantas Claudias, Luanas, Janainas, Danielas, Rejanas, Andrezas, Nadjanes, Marlenes, Cassias, Marilias e Marias - e também para assegurar o direito à vida e coibir o assassinato de meninas e mulheres desse país.

### **Mídia, Imaginário e Representação**

Nas últimas décadas, graças aos esforços dos movimentos feministas, a violência de gênero deixou de ser tratada como algo íntimo e familiar para ser tratada como um problema das esferas públicas - nas universidades, nas artes, na mídia e na política.

De acordo com Miranda (2017), os meios de comunicação exercem significativa influência na formação da opinião pública. Os meios não determinam inteiramente o pensamento coletivo, como argumentam os estudos sobre Efeitos Limitados (BERELSON; LAZARFELD, 1948) e a teoria da Agenda Setting (MCCOMBS; SHAW, 1972), mas contribuem significativamente para o processo de socialização das pessoas. Em outra direção, os assuntos que não são pautados pelos meios de comunicação têm menos força para se tornarem grandes temas debatidos socialmente.

Em relação à midiática da violência, Miranda fala que o tema “apresenta valor notícia porque reúne características capazes de atrair a atenção do público: comove, choca, revolta, assusta” (MIRANDA, 2017, p. 450). A autora defende que na medida em que a violência contra as mulheres e o feminicídio se torna midiática ela tende a ganhar uma dimensão espetacularizada e sensacionalista.

Segundo Moreno (2012), a cobertura midiática da violência contra a mulher quase sempre aparece isolada do seu contexto, tornando-se visível somente quando tem potencial de atrair e prender a atenção a partir da exploração imagética do sofrimento de

---

modo espetacularizado. Os veículos da mídia tradicional e hegemônica tendem a representar nas notícias, imagens subalternizadas de mulheres que, conseqüentemente, sustentam as ideologias de uma sociedade patriarcal que contribuem com a manutenção da violência contra a mulher.

Moraes (2010) em diálogo com o conceito de hegemonia desenvolvido pelo filósofo Antonio Gramsci argumenta que existe um jogo de consenso e dissenso que condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação, interferindo na conformação do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder na sociedade.

No entender de Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrecosques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. (MORAES, 2010, p. 54).

A partir dos conceitos revisados é possível perceber o potencial da mídia enquanto influenciadora de opinião. A abordagem dada numa narrativa jornalística pode contribuir para a mobilização social em prol do combate a violência e o feminicídio e a solidariedade com às vítimas, ou pode estimular a naturalização da violência e o processo de culpabilização das mulheres.

Os imaginários forjados sobre as mulheres negras, a partir das constituições ideológicas e culturais embasadas na intersecção histórica entre o racismo e sexismo, são fundamentais para entender as representações negativas sobre as mesmas. A partir destes imaginários perpetuados configurou-se culturalmente o lugar e o valor dado às mulheres negras no contexto social, contribuindo para a subalternidade, invisibilidade, coisificação e desumanização de mulheres negras.

O imaginário é, segundo Baczko, um lugar estratégico, responsável pela apropriação dos símbolos e das relações de sentido que podem ser usados para a manutenção do poder e do controle social. O imaginário unifica lugares, padrões e verdades impostos pela normatividade social. “[...] suscita adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos” (BACZKO, p. 312, 1985).



---

Patricia Hill Collins (2010) usa o termo imagens de controle (*controlling images*) para referir-se aos estereótipos de mulheres negras, uma vez que as imagens de mulheres negras veiculadas na mídia mostram seus corpos objetificados, desumanizados. Para a autora, as imagens de controle são usadas para mascarar o racismo, o sexismo e a pobreza, fazendo-os parecer natural.

Deste modo, é a partir da construção dos imaginários que as representações midiáticas sobre as mulheres negras são constituídas. Hall nos apresenta uma reflexão sobre como as classes dominantes, aqui compreendidos como os sujeitos do patriarcado racista – homens brancos, usam dos veículos de comunicação para perpetuar imaginários sobre si mesmos, e sobre os “outros”.

[...] os media são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes. Essas imagens, representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, acabam construindo um todo coerente, o imaginário social “[...] através do qual nós percebemos os ‘mundos’, as ‘realidades vividas’ dos outros e, imaginariamente, reconstruímos suas vidas e as nossas em algum ‘mundo por todos’ inteligível, numa ‘totalidade vivida’”. (HALL, 1977 apud ESCOSTEGUY, 2001 a, p. 69).

### **A Bahia no ranking macabro**

Segundo o Mapa da Violência 2015, em 2013, a taxa de mortes por assassinato de mulheres no Brasil para cada 100 mil habitantes foi de 4,8 casos. A média mundial foi de dois casos. Na Bahia, a situação é ainda mais preocupante. As taxas de homicídios de mulheres (por 100 mil habitantes) cresceram em Salvador, na comparação de 2003 a 2013, segundo o estudo. No ranking dos maiores crescimentos das taxas de homicídios de mulheres, a Bahia ficou na terceira posição, perdendo apenas para Roraima, cuja taxa aumentou 343,9%, e Paraíba (229,2%). Já Salvador, na comparação entre as capitais brasileiras, teve a segunda maior variação da taxa de homicídios de mulheres: cresceu de 2,8 para 7,9 - um crescimento de 182%.

Mesmo diante dos dados alarmantes a postura dos veículos de comunicação tem sido dedicada a focar nos casos de maneira isolada e sem contextualização, consagrando uma abordagem baseada na fatalidade, na passionalidade e, muitas vezes, na responsabilização das vítimas, o que pode contribuir invisibilização do fenômeno.

Ao favorecer publicidade midiática de um caso concreto de violência contra a mulher, a mídia poderia exercer um papel pedagógico positivo para a busca da



---

igualdade entre os gêneros se ampliasse o enfoque da notícia com um tratamento informativo aprofundado que colocasse a violência contra a mulher como um problema social que precisa do envolvimento de toda a sociedade para ser combatida (MIRANDA, 2017, p. 452).

### **Os feminicídios no portal Correio24horas**

O Portal Correio24horas foi escolhido por ser um dos principais veículos de mídia na Bahia. O veículo assume lideranças de acessos com mais seguidores online verificados pelos seus perfis no facebook, twitter e instagram.

A pesquisa das matérias para análise deste artigo foi realizada a partir de buscas na internet utilizando as seguintes palavras: violência, assassinato e feminicídio de mulheres na Bahia. Inicialmente a pesquisa foi realizada sem recorte de data e nem racial. Foram encontradas mais de 49 matérias envolvendo violência e morte de mulheres em diferentes circunstâncias: violência doméstica, brigas entre vizinhos, brigas entre casal lésbico, homicídios de moradoras de rua, mortes em circunstâncias de assalto, confrontos envolvendo a polícia e os de feminicídios.

Para análise deste trabalho foram escolhidas as notícias que correspondem ao assassinato de mulheres no período de 27 de março a 15 novembro de 2017, em Salvador, caracterizadas ou não como feminicídio pelo veículo. Dos resultados foram encontradas 19 matérias que correspondem à cobertura de 11 casos caracterizados como “assassinato de mulheres” e “feminicídio”.

Dos 11 casos analisados nas 19 matérias percebemos que a 9 crimes foram cometidos por homens que tinham ou já tiveram relação com as vítimas, e apenas 2 crimes foram cometidos por desconhecidos, comprovando os dados do Mapa da Violência 2015, que afirma que pelo menos 88,7% dos agressores possuíam algum tipo de relação familiar ou afetiva com as vítimas.

Mesmo diante do contexto brasileiro de crescente violência contra as mulheres, e todos os processos de denuncia dos movimentos feministas e dos órgãos internacionais, os feminicídios ainda têm sido abordados pelos veículos de mídias tradicionais hegemônicos como “crimes passionais”. Como na matéria veiculada sobre o caso da jornalista Daniela Bispo dos Santos, assassinada pelo ex-namorado, na empresa que ela trabalhava, onde encontramos o seguinte trecho: "Ela se encontrou com uma pessoa no

5º andar, cujas imagens já mostram e indicam quem tenha sido. A família também já apontou um suspeito e tudo leva a crer que tenha sido um crime passional<sup>6</sup>”.

Também no Correio24horas, no dia 9 de setembro de 2017<sup>7</sup>, foi veiculada a matéria sobre o assassinato de Rejane Vieira Gomes da Silva, morta a tiros pelo marido, próximo da sua residência. O título apresenta a seguinte chamada: “Ciúmes: manicure é assassinada pelo companheiro em Fazenda Coutos”. No texto, o jornalista enfatiza o ciúme como motivador do crime, e mais a diante escreve: “Segundo a ocorrência registrada no hospital, testemunhas disseram que o crime foi motivado por ciúmes de Maurício que teria descoberto que a mulher estava tendo um caso”. Aqui é possível perceber a tentativa do jornalista em justificar a ação criminosa do assassino na suposta traição, transferindo em algum modo a responsabilização da própria morte, à vítima.

Das reportagens analisadas foi percebido que é comum pouca contextualização do feminicídio. Também foi identificado que os crimes são caracterizados de diferentes maneiras pelo veículo, mesmo quando apresentam grandes semelhanças. Das 19 matérias analisadas: 6 matérias os crimes foram caracterizados como feminicídio, tendo o termo expresso no corpo do texto; em 3 matérias, o termo aparece apenas como tag no topo da páginas; em 4 matérias são caracterizados como crimes passionais; em 6 matérias não há nenhuma caracterização do crime, há apenas descrições dos fatos.

A partir da análise dos números percebemos que a produção jornalística na cobertura dos crimes contra a vida de mulheres não contextualizam a violência sexista como traço cultural no Brasil. Os textos também não deixam explícito se havia um histórico de violência doméstica anterior nos casos.

Ao observar as publicações também foi estabelecido elementos para identificar os níveis de aprofundamento presentes nas matérias: 1) Baixo - matérias sem a circunstância dos crimes; sem depoimentos de fontes próximas da vítima; caracterizada como crime passional, que por vezes culpabilizam as vítimas; 2) Médio - matérias que destacam a história da vítima; traz o depoimento de pessoas próximas a ela; trabalham

---

<sup>6</sup>Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-jornalista-e-encontrado-em-edificio-na-avenida-tancredo-neves/> Acesso em: 10.01.2018.

<sup>7</sup>Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ciumes-manicure-e-assassinada-pelo-companheiro-em-fazenda-coutos/> Acesso em: 10.01.2018

com o termo feminicídio, mesmo que em tags; 3) Considerável - matérias que citam o feminicídio; possuem apuração dos fatos com escuta de fontes próximas as vítimas.

É importante destacar que nenhuma das matérias foi caracterizada com alto aprofundamento. Ou seja, mesmo com nível “considerável”, nenhuma das matérias contextualiza o cenário de violência e morte vivenciado pelas mulheres na Bahia e no Brasil, e a maior vitimização das mulheres negras e das Regiões Norte e Nordeste.

NÍVEL DE APROFUNDAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DOS CRIMES NAS MATÉRIAS ANALISADAS		
LINKS DAS MATÉRIAS Disponível em:	CRIME	NÍVEL DE APROFUNDAMENTO
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/eu-pedi-para-que-ela-escondesse-as-facas-diz-vizinha-de-mulher-morta-por-ex-namorado-em-itapua">www.correio24horas.com.br/noticia/nid/eu-pedi-para-que-ela-escondesse-as-facas-diz-vizinha-de-mulher-morta-por-ex-namorado-em-itapua</a> /Acesso em: 09.01.17.	Cássia Cristina Conceição da Silva - 47 anos, era cuidadora de idosos e foi morta a facadas pelo ex-namorado em sua casa.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ex-namorado-e-suspeito-de-matar-adolescente-de-15-anos-por-nao-aceitar-fim-do-relacionamento">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ex-namorado-e-suspeito-de-matar-adolescente-de-15-anos-por-nao-aceitar-fim-do-relacionamento</a> /Acesso em: 09.01.17.	Andreza Victória Santana da Paixão - 15 anos, era estudante e foi assassinada pelo ex-namorado com um tiro na nuca, na varanda da casa dele.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estavamos-sentados-no-sofa-quando-veio-com-uma-faca-diz-sobrinha-de-vitima-de-feminicidio-em-sao-cristovao">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estavamos-sentados-no-sofa-quando-veio-com-uma-faca-diz-sobrinha-de-vitima-de-feminicidio-em-sao-cristovao</a> /Acesso em: 09.01.17.	Marlene Rodrigues Moura - 62 anos, era baiana, mas morava no Rio de Janeiro há alguns anos. Estava de férias, na casa da família em Salvador, com o namorado de 12 anos de relacionamento, onde foi morta a facadas por ele.	Considerável
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comerciante-e-sequestrada-estuprada-e-morta-em-itapua">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/comerciante-e-sequestrada-estuprada-e-morta-em-itapua</a> /Acesso em: 09.01.17.	Nadjane Santos de Jesus - 30 anos, era comerciante e casada. Foi seqüestrada por um desconhecido próximo da rua onde morava e encontrada morta, nua, com marcas de espancamento, violência sexual e sem roupa na Estrada CIA/Aeroporto. A morte de Nadjane tem correlação com outro crime com as mesmas características na mesma região. A matéria não evidencia as informações e contexto em que o crime foi cometido.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovem-e-retirada-de-garagem-e-morta-a-tiros-no-uruguai-amiga-fica-ferida">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovem-e-retirada-de-garagem-e-morta-a-tiros-no-uruguai-amiga-fica-ferida</a> /Acesso em: 09.01.17.	Luana Fernandes Hungria - 24 anos, morreu após ser atingida por tiros no tórax e no rosto, pelo seu ex-namorado na garagem da sua casa.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovem-morta-pelo-ex-terminou-relacionamento-por-conta-de-ciumes-proibia-amizades">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovem-morta-pelo-ex-terminou-relacionamento-por-conta-de-ciumes-proibia-amizades</a> /Acesso em: 09.01.17.	Luana Fernandes Hungria - 24 anos, morreu após ser atingida por tiros no tórax e no rosto, pelo seu ex-namorado na garagem da sua casa.	Baixo
<a href="http://www2.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/motorista-que-matou-ex-namorada-no-uruguai-disse-a-policia-que-ouvia-vozes/?cHash=b8876ba79f70dde9dcd275b946865954">http://www2.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/motorista-que-matou-ex-namorada-no-uruguai-disse-a-policia-que-ouvia-vozes/?cHash=b8876ba79f70dde9dcd275b946865954</a>	Luana Fernandes Hungria - 24 anos, morreu após ser atingida por tiros no tórax e no rosto, pelo seu ex-namorado na garagem da sua casa.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/homem-que-matou-mulher-em-nova-brasilia-de-itapua-e-presos-e-deve-responder-por-feminicidio">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/homem-que-matou-mulher-em-nova-brasilia-de-itapua-e-presos-e-deve-responder-por-feminicidio</a> /Acesso em: 09.01.17.	Cássia Cristina Conceição da Silva - 47 anos, era cuidadora de idosos e foi morta a facadas pelo ex-namorado em sua casa. Foram 13 facadas, a maioria nas costas. No momento do ocorrido, ela estava no celular mandando mensagem para uma amiga.	Considerável

<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pedreiro-presos-em-itapua-matou-mulher-por-asfixia-e-dilacerou-genitalia/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pedreiro-presos-em-itapua-matou-mulher-por-asfixia-e-dilacerou-genitalia/</a> Acesso em: 09.01.17.	Cláudia Santana de Oliveira - 26 anos e foi morta pelo seu companheiro de sete anos de relacionamento. A vítima foi asfixiada e teve sua genitália cortada. Cláudia foi encontrada pela polícia dentro de um saco, no banheiro da casa do casal.	Considerável
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ciumes-manicure-e-assassinada-pelo-companheiro-em-fazenda-coutos/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ciumes-manicure-e-assassinada-pelo-companheiro-em-fazenda-coutos/</a> Acesso em: 09.01.17.	Rejane Vieira Gomes da Silva - 42 anos, manicure, foi morta pelo companheiro a tiros, em um bar próximo da sua casa.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apos-alegar-tiro-acidental-jovem-que-matou-ex-e-hostilizado-veja-video/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apos-alegar-tiro-acidental-jovem-que-matou-ex-e-hostilizado-veja-video/</a> Acesso em: 09.01.17.	Andreza Victória Santana da Paixão - 15 anos, era estudante e foi assassinada pelo ex-namorado com um tiro na nuca, na varanda da casa dele. Após ser preso o assassino disse que o disparo foi sem querer, quando tentou pegar o revólver calibre 38, que já estava engatilhado, da mão da estudante.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/familia-de-recepcionista-morta-ye-ligacao-com-crime-em-itapua/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/familia-de-recepcionista-morta-ye-ligacao-com-crime-em-itapua/</a> Acesso em: 09.01.17.	Marília Sampaio de Andrade - 32 anos, trabalhava como recepcionista. Foi encontrada morta na Estrada do CIA-Aeroporto após ser sequestrada no bairro de Itapuã por um desconhecido. O caso de Marília tem relação com o caso da comerciante Nadjane Santos de Jesus.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/suspeito-de-matar-recepcionista-tem-caracteristicas-de-psicopata-diz-delegada/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/suspeito-de-matar-recepcionista-tem-caracteristicas-de-psicopata-diz-delegada/</a> Acesso em: 09.01.17.	Marília Matércia Andrade Sampaio - 32 anos, era recepcionista, trabalhava em um edifício comercial na Avenida ACM, morava em Itapuã e foi encontrada morta, com marcas de esganadura. A vítima foi sequestrada quando estava no ponto de ônibus indo para o trabalho. Segundo o autor do crime, ele esteve com Marília em um motel, mas não cometeu o crime.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marido-mata-mulher-esconde-corpo-e-pede-desculpa-em-carta/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marido-mata-mulher-esconde-corpo-e-pede-desculpa-em-carta/</a> Acesso em: 09.01.17.	Maria Lucília Santos Jesus - 46 anos, foi assassinada pelo marido, com quem era casada há 25 anos. O corpo da vítima foi encontrada escondido debaixo da cama do casal com perfurações nas costas, braços e abdômen.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-fui-eu-que-matei-foi-lucifer-diz-acusado-de-feminicidio-em-pernambuco/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-fui-eu-que-matei-foi-lucifer-diz-acusado-de-feminicidio-em-pernambuco/</a> Acesso em: 09.01.17.	Maria Lucília Santos Jesus, trabalhadora doméstica, foi morta com 10 facadas pelo marido. Após ser preso o responsável pela morte disse que o crime ocorreu por forças espirituais.	Considerável
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corretora-de-imoveis-e-encontrada-morta-companheiro-e-suspeito/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corretora-de-imoveis-e-encontrada-morta-companheiro-e-suspeito/</a> Acesso em: 09.01.17.	Janaína Silva de Oliveira - 42 anos, era corretora de imóveis, foi esfaqueada pelas costas pelo companheiro dentro do seu apartamento. O corpo da vítima foi encontrado pela sua filha no dia seguinte após sua morte. O marido de Janaina foi apontado pela família desde o primeiro momento como principal suspeito.	Médio
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marido-de-corretora-morta-no-barbalho-torna-se-suspeito-de-crime/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/marido-de-corretora-morta-no-barbalho-torna-se-suspeito-de-crime/</a> Acesso em: 09.01.17.	Janaína Silva de Oliveira - 42 anos, era corretora de imóveis, foi esfaqueada pelas costas pelo companheiro dentro do seu apartamento. O corpo da vítima foi encontrado pela sua filha no dia seguinte após sua morte. O marido de Janaina foi apontado pela família desde o primeiro momento como principal suspeito.	Considerável
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-jornalista-e-encontrado-em-edificio-na-avenida-tancredo-neves/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-jornalista-e-encontrado-em-edificio-na-avenida-tancredo-neves/</a> Acesso em: 09.01.17.	Daniela Bispo dos Santos - 38 anos, era jornalista e foi morta pelo ex-namorado no prédio comercial em que trabalhava. A vítima saiu da sala onde trabalhava no prédio, no 1º andar, para comprar um remédio e não voltou ao trabalho. Ela foi encontrada na escada que dá acesso ao 5º andar do prédio com um ferimento produzido por arma branca, na região da cabeça. Ela trabalhava no prédio, na empresa Call Tecnologia, que presta serviços de callcenter para o Disque 180 da Secretaria de Políticas para as Mulheres, do Governo Estadual.	Baixo
<a href="http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/assassino-confesso-continuou-a-bater-em-jornalista-quando-ela-ja-agonizava/">http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/assassino-confesso-continuou-a-bater-em-jornalista-quando-ela-ja-agonizava/</a> Acesso em: 09.01.17.	Daniela Bispo dos Santos foi morta pelo namorado de três anos de relacionamento. Ele confessou ter matado a companheira a pedradas.	Baixo

**Resultado de nível de aprofundamento: Baixo (8); Médio (6); Considerável (5)**

Figura 3: Tabela de aprofundamento dos casos de feminicídio.- Fonte: Portal Correio24horas

No que diz respeito ao recorte racial, mesmo diante dos dados alarmantes sobre a morte de mulheres negras no país, nenhuma das matérias correlacionam os crimes com categorias importantes, como: o local onde morava a vítima, sua renda ou pertencimento racial. Essas informações são negligenciadas em todas as matérias.

Os bairros onde os crimes aconteceram foram: Nova Brasília de Itapuã (com 77,97% da população auto-declarada negra); Itapuã (com 77,97% de auto-declaração negra); Uruguai (86,63%), Fazenda Coutos (90,57%), Sçao Cristóvão (84,42%), Pernambués (82,46%), Barbalho (70,45%).

Quando analisados os territórios onde a maioria dos crimes aconteceu, é possível perceber que eles se concentram em bairros pobres e periféricos, que são justamente os mais negligenciados pelos serviços e atendimentos as políticas públicas. Dialogando com Waiselfisz (2015)<sup>8</sup>, “o maior número de homicídios envolvendo a população negra no Brasil também tem relação direta com a ausência do Estado nos bairros mais pobres”.

### **Considerações Finais**

Os resultados obtidos com a revisão bibliográfica e as análises de dados de violência contra as mulheres negras apontam para a importância da reflexão sobre o papel da mídia na formação da opinião sobre os casos de feminicídio. Os conteúdos veiculados pela mídia, mesmo sem identificação racial das vítimas e conexão com os dados de assassinato de mulheres negras e pobres, revelam em entrelinhas que o caráter atemporal e violento da articulação do racismo, sexismo e opressão de classe têm determinado um resultante cruel: a morte das mulheres negras.

As matérias veiculadas no portal Correio24horas não fornecem informações ao leitor para localizar os feminicídios como parte de um fenômeno social brasileiro. Tal abordagem poderia assegurar ao leitor a compreensão de como o racismo patriarcal

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, coordenador do estudo do Mapa da Violência 2015, ao site El País. Ver em [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/06/politica/1446816654\\_549295.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/06/politica/1446816654_549295.html) Acessado em: 23/05/2018

determinam tantos casos de violência contra a vida de mulheres negras. As narrativas esvaziam de sentido a gravidade da morte das mulheres, transforma os crimes em algo corriqueiro, motivado pela falta de controle afetivo dos homens.

A ausência de detalhamento dos casos, da contextualização da violência contra as mulheres, de nomeação dos crimes como feminicídio, de diálogo com instituições de proteção aos direitos das mulheres e enfrentamento à violência, nas 19 matérias analisadas, demonstram a pouca interação entre o fazer jornalístico do portal Correio24horas e as questões sociais.

A responsabilização das vítimas por suas próprias mortes, delineada pela passionalidade em algumas das matérias analisadas, evidencia a possibilidade de justificação para o assassinato de qualquer mulher no país, principalmente das pobres, periféricas e negras.

O rompimento com as narrativas que legitimam as ideologias da cultura racista patriarcal precisa ser desencadeado para construção de novos imaginários sobre as mulheres negras, que ao invés de desvalorizar sua vida, possam apresentar novas possibilidades de enfrentamento à violência e pela igualdade de gênero. Neste sentido, os meios de comunicação precisam de demarcações contundentes que rompam com o controle das narrativas, abordagens e imagens controladas pelas desigualdades.

## Referências

- BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: LEACH, E. et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.
- BERELSON, BERNARD; LAZARFELD, PAUL F. *The analysis of communication content*. Chicago: University of Chicago Press, 1948.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York/London: Routledge, 2000
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, vol.10, n.1. 2002.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a. Edição eletrônica.
- Fundação Perseu Abramo. **Violência Doméstica e Violência de Gênero**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/node/7244> Acesso em: 12.01.2018.

GOMES, Izabel Solyszko. **FEMICÍDIO: a (mal) anunciada morte de mulheres.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. R. Pol. Públ. São Luis, v. 14, n. 1, p. 17-27, jan/jul, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

HALL, Stuart. **Da Diáspora-Identidades e Mediações Culturais.** Parte 2 - Significação, Representação e Ideologia e Parte 5 “A formação de um intelectual diaspórico”, 2003.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil,** São Paulo, 2013. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&id=19873](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873). Acesso em: 09.01.2017.

LUGONES, María. **Colonialidad y género.** *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 77-86, jul./dic. 2008.

MIRANDA, Cynthia Maria. **Violência contra a mulher na mídia e os descaminhos da igualdade entre os gêneros.** *Revista Observatório*. Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017, p. 450 – 452.

MORAES, Denis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci.** Dossiê comunicação e política. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010, p. 54.

MORENO, Rachel. *A imagem da mulher na mídia: controle social comparado.* São Paulo: Publisher, 2012.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, Summer, 1972, p. 176 – 187.

PONS CARDOSO, Claudia. **Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014, p. 980 – 981.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.** Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

WERNECK, Jurema in **Feminicídio #InvisibilidadeMata.** Instituto Patrícia Galvão. Fundação Rosa Luxemburgo, São Paulo 2017, p. 61.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapada Violência 2012: Atualização: Homicídios de mulheres no Brasil.** 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/>. Acesso: 10.01.2018.